

Uma brasileira – a outra história de Julia Mann*

Richard Miskolci**

Resumo

O texto parte da recente valorização da origem brasileira de Julia Mann, a matriarca da célebre família de escritores alemães, para discutir o tema da nacionalidade associado às categorias de gênero e raça. Discutimos a historicidade de categorias sociais e como estas determinam a autocompreensão dos indivíduos. A sociedade alemã do século XIX caracterizou Julia como brasileira e, apesar do estigma que isto representava, ela utilizou-se desta origem “exótica” como forma de autocompreensão e resistência.

Palavras-chave: Julia Mann, Gênero, Nacionalidade, Raça, Cidadania.

* Recebido para publicação em maio de 2002.

** Pesquisador Bolsista Recém-Doutor do CNPq associado ao Departamento de Sociologia, UNESP-Araraquara.

Julia Mann

A Brazilian Woman – The Other History of Julia Mann

Abstract

Julia Mann was the matriarch of the famous family of German writers. This paper uses the recent interest in her Brazilian origin to discuss the theme of nationality associated with categories of gender and race. We show the historicity of social categories and the way they determine the self-understanding of individuals in a specific time. Nineteenth century German society characterized Julia as a “Brazilian” and, despite the stigma this category brought along with it, Julia used this “exotic” origin as a way for her self-understanding and for her resistance to the racist society in which she lived.

Key Words: Julia Mann, Gender, Nationality, Race,
Citizenship

Nos últimos anos deu-se um expressivo aumento de interesse pela figura de Julia da Silva-Bruhns Mann (1851-1922). Conhecida por ser a mãe de dois dos maiores escritores alemães do século XX, Thomas e Heinrich Mann, Julia tem em sua biografia um atrativo a mais para nós, pois nasceu e viveu sua primeira infância no Brasil. Este traço biográfico foi encarado com tom anedótico e, quando estudado como influência na obra de seus descendentes, de forma a-histórica através de abordagens psicanalíticas.

A figura de Julia Mann ganhou independência como objeto de estudo e atraiu maior interesse a partir da década de 1990, quando livros começaram a explorar sua experiência de vida entre duas culturas.¹ O interesse pela transculturalidade levou até mesmo a um deslocamento do foco tradicional de interpretação da obra literária da família Mann. Os grandes expoentes literários alemães Heinrich, Thomas e Klaus Mann teriam como componente essencial de suas obras a experiência do exílio, não apenas o exílio político, que viveram durante o nazismo, mas um ainda mais profundo e sutil: o exílio cultural. Esta forma de deslocamento foi vivida primeiramente, e em toda sua intensidade, pela matriarca da família.

Neste texto, Julia é o centro a partir do qual discutiremos questões como nacionalidade, gênero e cidadania. A reconstituição de sua história também permite compreender um pouco melhor a figura da “mulher brasileira”, não como uma categoria essencialista, mas como uma construção histórico-social feita a partir do exterior.

¹ Fazem parte destes títulos o estudo biográfico-familiar de uma socióloga alemã (KRÜLL, Marianne. *Na Rede dos Magos*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1997), uma compilação de textos sobre Julia apoiada pelo Instituto Goethe e organizada por Strauss (STRAUSS, Dieter. *Julia Mann – Uma Vida entre Duas Culturas*. São Paulo, Estação Liberdade, 1997) e até mesmo um romance parcialmente inspirado em sua biografia (TREVISAN, João Silvério. *Ana em Veneza*. São Paulo, Best Seller, 1994).

Julia Mann

Uma brasileira?

Uma questão fundamental: Julia Mann era brasileira?

Afirmar que Julia Mann era brasileira toma como óbvio o que não é. Caso se tome como fato seu nascimento no Brasil como prova de sua nacionalidade, então incorreremos em simplificação. Ela viveu 63 dos seus 70 anos na Alemanha, o que por si só bastaria para que alguns preferissem caracterizá-la como alemã.

Há outros pontos para os quais queremos chamar a atenção. Primeiro, o que se compreende como nacionalidade varia segundo contingências, das quais o período histórico e o local de onde se define a nacionalidade são os principais. Hoje, temos uma visão particular do que é ser brasileiro/a marcado/a por uma experiência histórica que Julia não teve. Ser brasileiro/a atualmente não é o mesmo que era ser brasileiro/a no século XIX. Além disso, não podemos ignorar o fato de que nossa perspectiva sobre a nacionalidade brasileira é fundamentalmente interna, enquanto a experiência de Julia se deu a partir de sua vida no exterior.

Julia foi considerada brasileira por seus contemporâneos alemães a partir da visão que estes tinham de nacionalidade e, mais especificamente, no caso de Julia, da nacionalidade brasileira.

Na segunda metade do século XIX, dominava uma visão organicista do nacionalismo, que pode ser descrita como uma compreensão biológica e essencialista da nacionalidade. Como observa Candice Vidal e Souza:

A definição do cidadão nacional está fundada na suposta existência de determinações biológicas e/ou invariantes ontológicas responsáveis por suas características exclusivas. Neste sentido, parece justificado que a construção da identidade nacional recorra mais freqüentemente a uma linguagem biologizante, especialmente quando se trata dos discursos sociais produzidos em conjunturas intelectuais em

que predominam as explicações sócio-biológicas da sociedade. Compatível com os propósitos essencialistas, o uso de temas como raça e sexo na descrição do caráter nacional reforçam o sentido singularizante da ligação entre lugar e povo/cultura.²

Julia nasceu no Brasil, um país considerado exótico para os alemães e, no contexto histórico marcado pelas compreensões deterministas e biológicas do século XIX, um local habitado por um povo negro e crescentemente mestiço. A associação entre a alemã Julia e o país em que viveu a primeira infância deve-se, portanto, ao estigma que aquela origem lhe legou.

Agora podemos acrescentar mais uma questão para compreender a história de Julia Mann: O que significava ser brasileira na segunda metade do século XIX na Alemanha? Sim, porque Julia era uma mulher e tal condição não pode ser ignorada, ainda mais quando a ela se soma a origem brasileira. A beleza e sensualidade atribuídas à mulher brasileira datam de muito antes de Carmen Miranda e das atuais *top models* internacionais.

Julia cresceu e viveu na sociedade burguesa alemã da segunda parte do século XIX, ou seja, foi nesta sociedade específica em que se construiu sua identidade como “estrangeira”. Diante deste fato, devemos reconstruir seu itinerário biográfico, sua vida entre duas culturas, até chegarmos à questão de sua hipotética nacionalidade brasileira.

² VIDAL E SOUZA, Candice. Brasileiros e Brasileiras: Gênero, Raça e Espaço para a Construção da Nacionalidade em Cassiano Ricardo e Alfredo Ellis Jr. *Cadernos Pagu* (6-7), Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero-Pagu, Unicamp, 1996, p.89

Julia Mann

Esboço biográfico

Julia da Silva-Bruhns nasceu entre Parati e Angra dos Reis, no meio da mata, em agosto de 1851. Filha do comerciante alemão Johann Bruhns, mais conhecido como Seu Germano, e de uma bela morena de São Paulo, descendente de portugueses e índios – Maria da Silva – viveu até os seis anos no Brasil quando, após a morte de sua mãe durante um parto, foi levada para ser educada em Lübeck, cidade portuária do norte da Alemanha.³

Este dado biográfico mostra que Julia era brasileira, mestiça de nascimento, e insinua que suas primeiras palavras e experiências se deram em português na bela cidade litorânea de Parati.

Julia nasceu num país agrário-exportador e escravista associado de forma dependente na ordem imperialista do capitalismo internacional. O Brasil era o único Império das Américas, assim como antes fora a única colônia portuguesa do continente. Em termos populacionais, os negros representavam a esmagadora maioria dos brasileiros e a visão que se tinha do Brasil não era nada positiva, particularmente da Europa e dos Estados Unidos. A localização no hemisfério sul, portanto com estações “invertidas”, contribuiu para seu exotismo. Além disso, como país tropical, o Brasil era visto como berço de doenças por causa da crença científica de então na origem miasmática de enfermidades. A população negra do país, e posteriormente mestiça, foi crescentemente citada em textos científicos como

³ É importante lembrar que Lübeck era uma espécie de Cidade-Estado na época em que Julia se mudou para lá e que a Alemanha ainda não existia, pois a unificação do país só se deu mais de uma década depois de sua chegada. Lübeck foi a capital da liga hanseática e teve influência dos países nórdicos, sobretudo da Dinamarca, antes de se tornar parte do Império Alemão no início da década de 1870.

exemplo de uma nação degenerada, incapaz de progresso, indolente por natureza.⁴

Julia nasceu num Brasil muito diferente do que hoje, brasileiros/as ou não, conhecemos. Além disso, ao explorarmos a questão da nacionalidade brasileira de Julia devemos manter em foco sua condição de mulher, portanto, marginal na sociedade burguesa patriarcal na qual viveu.

Devido a sua origem materna e local de nascimento, Julia era em parte brasileira e, também, alemã, haja vista o fato de que seu pai era alemão e que ela foi levada por ele para ser educada e viver em seu país de origem. Sua primeira infância no Brasil jamais foi esquecida e Julia preservou até mesmo seu apelido brasileiro. Mesmo vivendo na Alemanha, Julia não deixou de se identificar como sendo a brasileira Dodô e se referir a seu *Vater* com o termo em português: pai. Mais tarde, quando tornou-se mãe, embalaria seus filhos com uma cantiga folclórica que aprendera com sua mucama negra em Parati.

A importância de sua infância no Brasil para ela também é patente no título de suas memórias do período escritas em 1902, mas publicadas apenas em 1958: *Aus Dodos Kinderheit* [A Infância de Dodô]. O estilo sentimental da obra enfatiza sua ânsia por recuperar algo perdido, uma espécie de paraíso no qual corria descalça para todos os lados, brincava na praia, colhia frutas ouvindo o som dos macacos e papagaios na floresta. Julia também relatou quando este paraíso começou a se perder, ou seja, a morte de sua mãe durante um parto mal-sucedido e a partida do Brasil um ano depois.⁵

Sua chegada a Lübeck em 1857 exemplifica o primeiro encontro (ou choque) com a sociedade alemã. Julia e os irmãos,

⁴ Para uma discussão do papel do Brasil como exemplo primário de país “degenerado”, por causa de sua população negra e crescentemente mestiça nos textos científicos europeus e norte-americanos da virada do século XIX para o XX, ver STEPAN, Nancy Leys. *The Hour of Eugenics – Race, Gender, and Nation in Latin America*. Ithaca, Cornell University Press, 1996.

⁵ cf. KRÜLL, M. *Na Rede dos Magos*. Op. cit., p.21.

Julia Mann

além da babá negra Ana, causaram tal impressão com seus vestidos claros e chapéus Panamá que Herr Bruhns teve que dispersar a multidão de crianças que os seguiam assobiando e gritando. Os parentes em Lübeck acreditavam que ele tivesse casado com uma negra no Brasil e uma de suas irmãs perguntava, impaciente, antes de sua chegada, quando Ludwig estaria lá com seus “negrinhos”.⁶ Julia não era negra, nem mulata, mas esta observação deixa clara a visão que se tinha na Alemanha do que era um/a brasileiro/a. Nacionalidade e raça eram indissociáveis.

Duas semanas depois da chegada, Herr Bruhns voltou ao Brasil, levando consigo Ana e deixando os filhos com a família alemã. Assim, Julia e os irmãos passaram por um penoso processo de adaptação ao novo ambiente familiar. Na casa da avó, por exemplo, riam das crianças por sua “origem negra”⁷ e os proibiam de falar português. Julia jamais retornou ao Brasil e progressivamente esqueceu sua língua materna, foi educada na fé luterana e aos dezessete anos tornou-se a esposa de um herdeiro das mais tradicionais empresas comerciais de Lübeck – Thomas Johann Heinrich Mann.

Julia era branca, tinha cabelos castanhos, mas dizem que gostava de escurecê-los e assinar seu sobrenome português para ressaltar sua origem exótica. Os relatos de seus contemporâneos e familiares ressaltam seu riso vivaz, por demais escandaloso no meio puritano de Lübeck. Sua risada audaciosa confrontava o recato e o silêncio requeridos pela sociedade alemã. Além do riso, Julia tinha uma marcante musicalidade, expressada ao piano e cantando. Este comportamento atípico para uma jovem alemã, o pendor para as festas e saraus, contribuiu em muito para as descrições de seus contemporâneos a respeito de sua beleza e sensualidade. Fato ainda mais revelador, Julia era vista pelos

⁶ cf. HAMILTON, Nigel. *Os Irmãos Mann* - As vidas de Heinrich e Thomas Mann. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985. p.15. (Tradução de *The Brothers Mann* por Raimundo Araújo.)

⁷ cf. KRÜLL, M. *Na Rede dos Magos*. Op. cit.

conterrâneos como estrangeira, uma brasileira sensual. Ainda que o atributo de sensualidade pesasse como algo negativo para uma mulher da alta sociedade, a origem brasileira era assumida por Julia como essência de sua identidade. Assim, pode-se dizer que, da mesma forma como sua sociedade a marcava como diferente também fornecia a Julia, através dessas “diferenças”, padrões de autocompreensão.

Quais são estas diferenças e o que elas expressam segundo o imaginário de sua época? Julia era uma mulher num meio fortemente puritano, burguês e patriarcal. Sua beleza e musicalidade não eram atributos positivos, antes a marca de sua origem estrangeira, não-alemã, portanto, a prova de sua “impureza racial”.

Durante a segunda metade do século XIX, marcada pelo Imperialismo, nacionalidade e raça se mesclavam numa perigosa afirmação ideológica da superioridade das nações colonizadoras. Estas afirmavam sua superioridade como fato biológico, o que, ao mesmo tempo, justificava a exploração e a pobreza dos povos dominados.⁸

Ser alemão era ser nórdico, protestante e burguês. Julia não se enquadrava bem em nenhuma dessas características, pois não era “ariana”, não seguia a rígida moral puritana, o que, somado à sua paixão pelas artes, a tornava uma mulher mal vista pela sociedade burguesa em que vivia.

Julia era uma alemã “duvidosa”, mestiça, ou, usando o termo mais apropriado segundo a Eugenia, era o exemplo feminino do *Mischling*. O termo *Mischling* em alemão tem uma conotação pejorativa e sintetiza o estigma de alguém que se acreditava ser uma aberração, provavelmente infértil, além de herdeiro das piores características de seus progenitores de raças

⁸ Como observou Hobsbawn: “Sob a forma de racismo, cujo papel central no século XIX nunca será demais ressaltar, a biologia era essencial para uma ideologia burguesa teoricamente igualitária, pois deslocava a culpa das evidentes desigualdades humanas da sociedade para a ‘natureza’.” HOBSEBAWN, Eric J. *A Era dos Impérios. 1875-1914*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1989, p.351.

Julia Mann

distintas. O mulato, por exemplo, carrega no nome o estigma de união inter-espécies, ou seja, o “castigo” da infertilidade. Mulato vem do diminutivo espanhol para mulo, animal dos perissodátilos resultante do cruzamento de mula com jumento, portanto, um animal estéril. Ainda que tivesse pouco de não-européia, Julia era apenas em parte índia e portuguesa, sua origem brasileira legava-lhe o estigma da mestiçagem.

Durante a segunda parte do século XIX e início do século XX, todo e qualquer desvio da norma burguesa de comportamento era encarado como tendo uma explicação biológica. A musicalidade de Julia era vista como algo duvidoso em uma mulher de sociedade porque, segundo os padrões morais da época, o interesse pela música a desviaria de suas obrigações de esposa e mãe e a aproximaria de uma vida desregrada e moralmente duvidosa. Segundo o relato de seus contemporâneos alemães, a origem de sua musicalidade estaria em sua origem “sulina”, sensual, latina. Portanto, seus dons artísticos eram interpretados em termos raciais.

O sul do mundo era visto como atrasado, católico, no caso da Europa e da América Latina, ou dominado por religiões ainda mais “atrasadas”, no caso do Oriente. Esta parte do globo também era a mais quente, tropical, propícia às doenças e à indolência que a tornavam uma região imprópria para a civilização. À indolência somava-se o estereótipo da sensualidade irrefreada, de uma vida social marcada por festividades e boêmia.

Julia, desde a juventude, foi uma assídua freqüentadora de bailes e, depois de casada, uma anfitriã alegre e descontraída, diferente dos padrões da sociedade fortemente puritana de Lübeck. Seu pendor artístico e festivo a tornou alvo de comentários e até mesmo suspeita de adultério.

A vida social de Julia, seu riso escandaloso e, sobretudo, sua beleza valeram de seus contemporâneos a qualificação de mulher atraente. Naquela época, não havia nada mais negativo para uma mulher do que ser qualificada de sensual. Os livros de psiquiatras e pensadores sociais da época, com certa popularidade entre a

população letrada, afirmavam que a mulher vivia sob o risco de não controlar sua sexualidade e resvalar para a prostituição, o que acreditavam tratar-se de uma forma de loucura.

A prostituta era considerada uma degenerada congênita, cuja “doença” fora determinada em sua concepção. Esta perspectiva é claramente apresentada pelo clássico estudo de Cesare Lombroso e Guglielmo Ferrero – *La Donna Delinquente: La Prostituta e la Donna Normale* (1893). Christian Ströhmborg, o maior seguidor alemão de Lombroso, acreditava que tal anormalidade sexual tinha gradações que variavam da prostituição ocasional a insanidade moral.⁹ Assim, a sexualidade patológica não atingia apenas a prostituta e logo passou a ser vista como uma ameaça presente em toda mulher. Como observou Otto Weininger: “Cheguei à visão de que o elemento de prostituição é uma possibilidade em toda mulher assim como a capacidade meramente animal para a maternidade”.¹⁰

A musicalidade e a beleza atribuídas a Julia Mann tinham, em sua época, um componente negativo que não se deve ignorar, qual seja, o estigma de uma sexualidade sem limites, desviante e ameaçadora para a ordem familiar burguesa. Weininger chegou a afirmar que a mulher encarnava a sexualidade, portanto, padecia de todos os seus perigos e desvios, ou ainda mais claramente, a mulher era o “perigo” em si.¹¹

Davidson afirma que a sexualidade como a compreendemos surgiu a partir do estudo médico das “perversões” em meados do século XIX. O filósofo norte-americano também observa que com a criação das categorias surgem indivíduos que se encaixam nelas. Portanto, a formação de identidades é uma via de mão dupla em que a sociedade,

⁹ cf. GILMAN, Sander L. *Difference and Pathology – Stereotypes of Sexuality, Race, and Madness*. Ithaca/London, Cornell University Press, 1985, p.55.

¹⁰ WEININGER, Otto. *Sex and Character*. London, William Heinemann, 1906, p.235.

¹¹ ID., IB., p.200.

Julia Mann

através do pensamento e práticas, e os indivíduos interagem num processo de criação de tipos sociais.¹²

O atributo de sensualidade ainda paira como uma sombra sobre toda estrangeira, especialmente quando sua origem é considerada “exótica”. No caso de Julia, sua origem brasileira, “mestiça”, evocava também a musicalidade dos povos então considerados inferiores, nos quais a música era inseparável da dança, da interação entre os corpos, que representava para os colonizadores a sexualidade pudorosamente oculta nas sociedades civilizadas, leia-se brancas, dominadoras e protestantes.

Julia Mann era filha de uma rica família de comerciantes do norte da Alemanha, mas sua origem social privilegiada em termos econômicos não evitou uma biografia destoante das típicas moças de Lübeck. Da sua origem mestiça e primeira infância vividas na América do Sul até sua vida como interna de um pensionato para moças, Julia viveu de forma singular. O casamento com o herdeiro dos Mann parece ter surpreendido os conterrâneos da antiga cidade hanseática e foi motivo de especulações até a morte do marido.

Marianne Krüll, socióloga especializada em estudos sobre família, afirma em seu livro sobre os Mann que o casamento de Julia e Thomas Johann Heinrich foi claramente de conveniência e que ambos tiveram amores de juventude mais intensos, mas inaceitáveis em termos sociais.¹³ O casamento deu-se em junho de 1869 e a noiva era considerada a mulher mais bonita da cidade. O fato de ser alguns centímetros mais alta do que o marido era visto por alguns como a prova de que não formavam o par ideal.¹⁴

De acordo com critérios econômicos o casamento era “correto”, mas em termos de moralidade burguesa logo Thomas Johann Heinrich Mann percebeu que sua escolha não fora mesmo

¹² DAVIDSON, Arnold. *Sex and the Emergence of Sexuality. Critical Inquire* Chicago, The University of Chicago Press, Autumn 1987, p.41.

¹³ KRÜLL, M. *Na Rede dos Magos*. Op. cit., p.48.

¹⁴ ID., IB., p.49.

a ideal. Nas festas e nas aulas privadas de violino com seu provável amante de origem polonesa, Julia chegava às fronteiras da decência impostas a todas as mulheres burgueses da época.

O primogênito do casamento com o Senador foi Luiz Heinrich, nascido em 1871, depois nasceu Thomas (1875) e duas mulheres, Julia (1877), apelidada de Lula, Carla (1881) e um filho temporão, Viktor. Krüll considera que uma relação extraconjugal de Julia Mann com um jovem compositor e maestro polonês de origem nobre pode ter dado origem a Viktor, o caçula da família, nascido em 1890.

O Senador Mann morreu em condições pouco claras. Alguns falam em septicemia decorrente de uma cirurgia para a retirada de um tumor cancerígeno, outros defendem a hipótese de suicídio. De qualquer forma, o mal estar com relação à viúva era claro e o pastor que enterrou o Senador chegou a referir-se aos Mann como aquela “família depravada”.¹⁵

O testamento do Senador deixa motivos para reflexão sobre suas conjecturas a respeito da fidelidade da esposa. Sem que tenha nenhuma afirmação categórica sobre Julia indica que a centenária empresa familiar deveria ser liquidada e sua esposa deveria vender a casa da família. Estas obrigações testamentárias, uma forma de controle *pos mortem* do marido, sugerem que ele não a queria mais em Lübeck. Induzida a isto, Julia mudou-se para uma casa afastada até que a empresa fosse vendida. A fortuna do Senador, cerca de quatrocentos mil marcos, proporcionava uma renda mais do que adequada para seus herdeiros. Julia mudou-se com os filhos, em julho de 1893, para Munique, cidade considerada mais liberal e propícia às artes. Instalou-se em Schwabing, bairro dos artistas, e a viúva, que ainda preservara muito da beleza da juventude, passou a oferecer recepções concorridas entre os boêmios da capital bávara.

O círculo de freqüentadores da casa da “Senhora do Secretário de Estado Mann” teria desagradado os conhecidos de

¹⁵ ID., IB., p.93.

Julia Mann

Lübeck e escandalizado seu finado marido. Julia participava embevecida dos bailes de carnaval e era tão ou mais cortejada do que as filhas em idade de se casar. Dizem que mesmo o marido de Lula cortejou, antes, sua genitora.

Em seus primeiros tempos em Munique, Julia escreveu suas memórias e chegou a se aventurar na ficção. O primeiro romance de Heinrich – *In Einer Familie* –, obra imatura, retirada de suas obras completas, parece ter sido fruto da influência direta de sua mãe. De qualquer forma, os relatos dos filhos e contemporâneos definem Julia por sua excelência como cicerone, promotora de saraus e festas. Em *Doutor Fausto* (1947), romance de maturidade de Thomas Mann, é possível ter um retrato aproximado do ambiente cultural em que Julia circulava, através da personagem Senhora Secretário de Estado Rohde.

Após alguns anos em Munique, Julia mudou-se para a Quinta dos Schweighardts, em Polling, e dedicou-se à educação de seu filho caçula. Viktor jamais teve um contato normal com os outros irmãos, o que parece confirmar sua origem paterna distinta dos outros Mann.

Julia se isolou e tinha dificuldade em lidar especialmente com a família de Thomas, os Pringsheim. A então recatada senhora expôs em suas cartas a seu primogênito, Heinrich, que se sentia diminuída e até desprezada por eles: “Dinheiro em demasia torna as pessoas frias e exigentes, torna as cabeças duras e exige dos outros a consideração que eles próprios não têm”.¹⁶

Carla, que tentou por muitos anos tornar-se atriz, perdeu seu pouco prestígio artístico e tentou retornar à sociedade burguesa através de um bom casamento, mas sofria ameaças e chantagens de um ex-amante. Decidiu morar um tempo com Julia e Viktor até que, no dia 30 de junho de 1910, depois de discutir com o noivo que lhe exigia explicações sobre seu passado, trancou-se no quarto e procurou algo que escondera há anos dentro do crânio que mantinha como objeto de decoração. Julia

¹⁶ ID., IB., p.176.

forçou a entrada, ouviu a filha agonizar por ter ingerido uma grande dose de cianeto, mas já era tarde. Julia escreveu a Heinrich depois do suicídio da filha: “Se Deus existir, Ele então é cruel – tanto contra minha pobre filha, quanto contra mim. Mas aprende-se a duvidar”.¹⁷

Julia morreu em 1922, aos setenta anos de idade, o que a preservou de vivenciar outras tragédias que ainda se abateriam sobre seus filhos. Lula, sua única filha sem inclinações artísticas e que se casara por interesse com um banqueiro bávaro, tornou-se infeliz no casamento e morfinômana. Em 1927, enforcou-se aos 50 anos. Curiosamente, a ambivalência de Julia entre a vida burguesa e a artística foi dividida entre suas filhas mulheres. Carla virou atriz e Lula casou-se com um banqueiro, mas ambas terminaram por se suicidar. Seus outros filhos, com exceção de Viktor, emigraram por causa da ascensão nazista e morreram no exílio: Heinrich nos Estados Unidos e Thomas na Suíça.¹⁸

A outra história

Julia não nasceu brasileira, bonita e sensual, mas foi sua vida num determinado período histórico e interação com a sociedade alemã que a tornaram uma “mulher brasileira.

Apesar de ter vivido a maior parte de sua vida na Alemanha e ser oficialmente cidadã daquele país era classificada como brasileira por não corresponder às exigências comportamentais

¹⁷ ID., IB., p.228.

¹⁸ Para um estudo mais detalhado sobre as influências das particularidades da família Mann nas obras literárias de seus membros, ver KRÜLL, M. *Na Rede dos Magos*. Op. cit. No caso específico de Thomas Mann e as implicações que o estigma da mestiçagem tiveram na vida e, principalmente, na obra do autor alemão, ver MISKOLCI, Richard. *Thomas Mann, o Artista Mestiço*. São Paulo, Annablume Editora, 2003. A figura de Julia merece destaque como “inspiradora” de muitas personagens mannianas como Gerda em *Os Buddenbrook* (1901), Consuelo em *Tonio Kröger* (1903), a mãe de Aschenbach em *A Morte em Veneza* (1913), a Senhora Secretário Rohde e a prostituta húngara Esmeralda em *Doutor Fausto* (1947).

Julia Mann

que se faziam de uma típica alemã. A categoria brasileira associada a ela não lhe garantia mais uma cidadania, era, antes, uma forma de desqualificá-la como alemã.

A história de Julia Mann como brasileira é construída pela diferença e pela naturalização. Julia, uma mulher não-convencional, foi facilmente qualificada como estrangeira. Devido a sua origem, teve sua beleza e sensualidade associadas à sua hipotética nacionalidade brasileira, uma nacionalidade compreendida em termos raciais e indissociável de uma posição subalterna na sociedade imperialista e burguesa de sua época. Dessa forma, a história de Julia revela-se ainda mais sombria do que parece à primeira vista.

Apesar de ter vivido quase toda sua vida na Alemanha, Julia permaneceu uma brasileira por duas razões principais. Ela valorizava sua origem como uma espécie de resistência ao ambiente pouco acolhedor que encontrou na Alemanha, o que lhe permitia construir para si mesma uma identidade positiva. Para Julia, ser brasileira provavelmente era uma explicação para sua adaptação problemática à sociedade alemã. De qualquer forma, sua identidade como brasileira não foi produto apenas de uma estratégia de autocompreensão de seu paradoxo identitário. O fator preponderante que a tornou uma brasileira na Alemanha foi o fato de que a sociedade alemã a classificou como estrangeira. Julia permaneceu assim até mesmo na lembrança de seus contemporâneos, o que é atestado pelas memórias de sua nora, Katia Mann, escritas na década de 1970:

Quando eu a conheci, ela não era mais muito bonita, mas podia-se ver que já havia sido. Ela tinha traços bonitos, era um tipo sulino, metade brasileira – sua mãe brasileira, que morreu jovem, também deve ter sido bonita. (...) Então, ainda jovem, a menina estrangeira casou com o Senador

ou Cônsul Heinrich Mann. Ela tinha claros talentos artísticos, tocava piano muito bem e cantava.¹⁹

Sessenta e três anos de vida na Alemanha não foram suficientes para tornar Julia uma alemã por completo, pois naquela época a identidade nacional se dava nos extremos excludentes de uma ou outra nacionalidade (subentendida como “raça”). Em termos políticos, a nacionalidade entendida como cidadania permanecia um privilégio masculino com restrições de classe e de posses como no caso do direito ao voto. Ser cidadão alemão – como ser cidadão em todos os países na época – pressupunha ser homem e burguês. Assim, Julia compartilhava com as outras mulheres alemãs uma posição subalterna em sua sociedade, mas em seu caso pessoal, lhe cabia uma posição ainda mais problemática.

A origem brasileira de Julia a distinguia das alemãs “normais” e a tornava uma estranha até mesmo no meio burguês no qual nascera. Daí as repetidas alusões de seus contemporâneos às suas aptidões artísticas, sua alegria festiva e riso escandaloso. Essas qualificações serviam para justificar seu não-pertencimento ao círculo das senhoras burguesas de seu tempo e insinuar que seu lugar era entre os artistas, os marginais *par excellence* da sociedade burguesa alemã.²⁰ O círculo de convivência de Julia em Munique retrata a posição ambígua dos intelectuais e artistas alemães, quase todos burgueses de nascimento, que faziam parte de uma espécie de dissidência da burguesia. Convencionou-se chamar este estrato social de *Bildungsbürgentum*. Era nele que viviam os Mann seus paradoxos identitários, mesmo porque fazer parte da *Bildungsbürgentum* era, obrigatoriamente, viver entre a

¹⁹ MANN, Katia. *Unwritten Memories*. New York, Alfred A. Knopf, 1975, p.24. [Translated by Hunter and Hildegard Hannum.]

²⁰ Para um estudo sobre a posição dos intelectuais (*Bildungsbürgentum*) na nação alemã, ver GIESEN, Bernhard. *Intellectuals and the Nation – Collective Identity in a German Axial Age*. Cambridge, Cambridge University Press, 1998. [Traduzido do alemão para o inglês por Nicholas Levis e Amos Weisz.]

Julia Mann

aceitabilidade burguesa e a relativa marginalidade intelectual e artística. Os membros deste estrato social não tinham sua nacionalidade alemã contestada, mas também não plenamente aceita.

Julia, ao sair de Lübeck e tornar-se cicerone da *Bildungsbürgentum* de Munique, ressaltou seu contraste com a sociedade alemã e, como revela o título de suas memórias escritas na época, tornou-se a brasileira Dodô. Não que assim se referissem a ela seus amigos e convivas, mas seu livro denota que ela assim se compreendia. O processo de aculturação de Julia não se cumpriu e ela optou pela lembrança de sua origem brasileira, mesmo com o aspecto negativo que isto lhe trazia em sua vida na Alemanha.

Julia viveu uma pendularidade constante entre sua origem brasileira e sua vida na Alemanha. Sofreu desde a infância a pressão social para ser alemã, mas era sempre lembrada que sua origem exótica a impediria de ter sucesso nessa empreitada. Sua história é a de uma mulher obrigada a incorporar uma identidade única, a fazer uma escolha entre dois pólos inconciliáveis segundo a sociedade e período histórico em que viveu.

Hoje, identidades nacionais não são mais polares e excludentes, porque não as compreendemos em termos biológicos, mas culturais. Assim, podemos utilizar categorias como teuto-brasileiro/a para definir alguém como pertencente a uma nacionalidade, mas tendo uma particularidade cultural que deve ser respeitada. Isso torna visível mudanças na forma como a sociedade contemporânea encara a identidade de uma pessoa que viveu entre duas culturas. Sobretudo, essas denominações compostas (como ítalo-brasileiro/a, afro-brasileiro/a) exprimem uma mudança em curso na percepção social do que é a categoria nação.

Nações não são coletivos orgânicos associados voluntariamente por vínculos essenciais comuns. Ao contrário, são “comunidades imaginadas”, construídas de acordo com a contingência histórica e social. Neste sentido, tanto a ação política

e bélica quanto a narrativa que molda um discurso de identidade comum colaboram para a criação de uma nação.²¹

Em termos históricos, o caso da construção da nacionalidade brasileira foi marcado por um discurso que surgiu da necessidade de fazer frente à posição subalterna do país na constelação das nações. No Brasil, o discurso sobre a nação emergiu com a Independência de Portugal e alcançou seus primeiros pressupostos em um concurso do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro de 1844: “Como escrever a história do Brasil”.²² O vencedor foi um naturalista alemão, Karl Friedrich Phillip von Martius, afirmando que nossa história só poderia ser contada levando em consideração o fato de que a nação brasileira é o resultado do encontro entre três raças: a índia, a européia e a africana.²³

No mesmo período histórico, na Alemanha, o discurso sobre a nacionalidade foi marcado pela necessidade de diferenciação das outras nações européias e de uma justificativa para a unificação territorial. Assim, compreende-se porque no caso alemão a categoria nação foi construída através da afirmação de uma hipotética pureza “racial” germânica. Não tardou para que o argumento supostamente unificador também se revelasse xenófobo e racista. Ser alemão era ser puro, não “contaminado” pelo contato com outras raças. Julia era o produto do que então se compreendia como um casamento inter-racial, uma mulher

²¹ Para uma discussão mais aprofundada sobre o tema vide BHABHA, Homi. Dissemination: time, narrative and the margins of the modern nation. In: *Nation and Narration*. London, Routledge, 1990, p.291-322.

²² SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O Espetáculo das Raças – Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo, Cia das Letras, 2000, p.112

²³ Desde então, todo o discurso sobre a nação brasileira se assenta neste *aperçu* determinista do século XIX, o qual enfatiza o componente racial como determinante (e fator explicativo) da nação. O mito da democracia racial propagado, sobretudo, a partir da obra de Gilberto Freyre descende desta linha teórica. Ainda hoje, versões culturais do determinismo racial estão presentes em obras contemporâneas como *O Povo Brasileiro* (1995) de Darcy Ribeiro, livro que não se furta à simbiose entre raça e nação brasileira.

Julia Mann

mestiça ou, para usar um termo que evoca mais claramente também o sexismo contido no termo, uma mulher impura.

Se Julia era brasileira aos olhos alemães, ela não pode deixar de ser também alemã para nós, mas sejamos sutis e evitemos a velha polaridade excludente típica do período imperialista. Julia não foi brasileira **ou** alemã. Ela foi brasileira **e** alemã. Nacionalidades são construções histórico-culturais, não categorias raciais excludentes como se acreditava no passado. Brasileira ou alemã não denotam mais classificações raciais, antes a experiência de vida na Alemanha e no Brasil, experiência que, por ser cultural, é complementar.

Em nossa época, cada vez mais marcada pelos deslocamentos territoriais e culturais, a experiência de vida entre duas culturas é o que torna a história de Julia tão interessante. Infelizmente, o que a tornava uma “mulher brasileira” no passado ainda a une às mulheres brasileiras do presente, em especial àquelas que lutam pela cidadania em seu país e contra o estigma de “exóticas e sensuais” fora dele.